



GÊNERO: UMA ANÁLISE DAS IDENTIDADES MASCULINAS.¹

Isabel Cristina Baia da Silva

Licenciada Plena em Pedagogia – UFPA;
Especialista em Educação para as Relações Étnico-Raciais – IFPA.
Universidade Federal do Pará/ Campus Universitário de Abaetetuba

Joyce Otânia Seixas Ribeiro (Orientadora)

Professora de Didática da FAECS/Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA; líder do Gepege - Grupo de Estudos e Pesquisa Gênero e Educação; Professora do PPGCITI/CAAB/UFPA, na linha de pesquisa Identidades: linguagens, práticas e representações; Professora do PPEB/ICED/UFPA, na linha de pesquisa Currículo da Escola Básica.
Universidade Federal do Pará- Campus Universitário de Abaetetuba
joyce@ufpa.br

RESUMO: A temática abordada objetiva refletir como a masculinidade vem sendo representada e as influências das relações de gênero na construção das identidades masculinas, visto que, os discursos hegemônicos enfatizam a oposição entre masculino e feminino, acarretando o controle sobre os comportamentos de homens e mulheres. Buscamos compreender os mecanismos que legitimam a oposição entre os gêneros e mostrar a importância da incorporação de novos discursos para que possamos incluir, sem preconceitos, todas as formas de manifestação. Traz para o campo de discussão análises de vários autores renomados no assunto, entre eles Scott (1995), Connell (1995), Giddens (1993), Louro (2001, 2003), Hall (2005), Foucault (1979) e Silva (2000), a fim de construir um fundamento sólido sobre alguns conceitos como gênero, masculinidade, feminilidade, poder, identidade e sexualidade que possibilitam compreender com mais clareza a questão das identidades masculinas. A partir desse embasamento teórico foram feitas as análises com base nos dados coletados na pesquisa de campo realizada no Colégio São Francisco Xavier no período de 11 de março a 11 de abril de 2008, para aquisição dos dados foi utilizado como metodologia a etnografia, como instrumento a observação participante e a entrevista estruturada. Após esse encontro entre teoria e o cotidiano escolar foi possível refletir como as mudanças em nível de linguagem sobre a masculinidade estão sendo incorporadas pelos jovens e ao mesmo tempo perceber as resistências e os preconceitos ainda existentes em torno do assunto. Contudo, fica evidente a predominância da identidade masculina hegemônica, mas as resistências e os questionamentos em torno desta se acentuam possibilitando que novas maneiras de vivenciar o masculino sejam vislumbradas.

Palavras-Chave: Gênero. Masculinidade. Feminilidade.

1 Introdução

O presente trabalho traz como tema “Gênero: uma análise das identidades masculinas”, tendo como objetivo refletir como a masculinidade vem sendo representada e as influências das relações de gênero na construção das identidades masculinas, visto que, os discursos hegemônicos enfatizam a oposição entre masculino e feminino, acarretando o controle sobre os comportamentos de homens e mulheres. Buscamos compreender os mecanismos que legitimam a oposição binária

¹ Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará/ Campus Universitário do Baixo Tocantins, ano de obtenção: 2008.



entre os gêneros e mostrar a importância da incorporação de novos discursos para que possamos incluir, sem preconceitos, todas as formas de manifestação.

A escolha da temática se justifica por sua relevância em trazer para o campo de discussão um assunto suprimido nas escolas, mas que afeta rapazes e moças, cotidianamente, que resistem aos modelos hegemônicos e tentam manifestar suas representações e vivenciar as várias possibilidades identitárias. Isso resulta, em parte, das transformações tecnológicas que levam a um novo modo de pensarmos os gêneros. Tendo a educação um lugar de destaque na formação dos sujeitos e de suas concepções de mundo, torna-se fundamental discutirmos as questões referentes à masculinidade, visto ser esta uma discussão ausente, mas que faz parte da realidade do município de Abaetetuba.

A ideia de desenvolver o tema surgiu das inquietações em torno das concepções socialmente construídas sobre a masculinidade e a feminilidade que funcionam como forma de fixar e universalizar comportamentos considerados “naturais”. São discursos que escutamos desde muito pequenos e que podem resultar em consequências desastrosas para homens e mulheres. Vontades reprimidas, castigos, estereótipos, isolamento, fazem parte desse processo que define o “diferente” com base em um padrão naturalizado.

2 Revisão Literária e Discussões

Na discussão referente a gênero e poder e suas influências na composição de um novo olhar sobre a masculinidade nos debruçamos nas leituras e reflexões desenvolvidas por Scott e Foucault. A maneira de manter a ordem social reflete diretamente na forma de controle sobre os corpos e no que é permitido em âmbito privado e público para homens e mulheres. O olhar em relação aos corpos diferencia-se de acordo com cada sociedade, momento histórico e cultura. Evidenciamos assim, as múltiplas possibilidades de representação das relações entre os gêneros e a própria possibilidade de mudança nos discursos que enfatizam o determinismo biológico, já que analisamos as relações de gênero como uma construção social.

Na sua utilização mais recente, o termo “gênero” parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso dos termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O termo “gênero” enfatiza igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. [...] Segundo esta visão, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos. (SCOTT, 1995, p.72).



Com base no fragmento do texto de Scott, observamos a importância dos movimentos feministas no sentido de tornar visíveis outras formas de vivenciar a masculinidade e a feminilidade, bem como as implicações do social na constituição de tais identidades. É a partir dos estudos realizados pelas feministas e por outros movimentos de resistência que as justificativas de distinções, expressas através do determinismo biológico, passam a ser questionadas com maior intensidade e os aspectos sociais presentes no processo discursivo e representativo das relações, problematizados.

Torna-se necessário desconstruir as justificativas que legitimam tais narrativas e a centralidade do poder baseada na diferença entre os sexos, para compreendermos a globalidade dos aspectos que garantem as relações de dominação, indo muito além das questões de gênero. Todavia, esses aspectos dissimulam outros fatores presentes na determinação de poder. Mesmo sabendo que as disputas pelo poder atravessam todas as relações e que em uma dada situação um sujeito pode exercer o poder e em outra está em posição contrária, isso não deve ser usado para marginalizar a outra pessoa. Segundo Foucault (1979), devemos entender o poder como uma relação e não como um elemento que se possui, ou se detém.

Os conceitos de identidade também subsidiaram as reflexões relacionadas à temática. “[...] somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser então rejeitadas e abandonadas”. (LOURO, 2001, p.12).

Acreditarmos na possibilidade de vivenciar identidades provisórias, mutáveis requer questionarmos o discurso criado em relação aos gêneros e nos arriscarmos pelo desconhecido, sem mapa com um caminho traçado. É ter coragem de assumir autoria de nossos atos, sejam eles acertados ou não; de enfrentar o novo e ao mesmo tempo conviver com as diferenças. Perceber que as mudanças não correspondem à fraqueza, à indecisão, mas é um estágio constante e necessário para nosso amadurecimento. Seria ingênuo acreditar que um sujeito passa sua vida inteira com uma única identidade, seria ainda pior pensar que todos os homens e mulheres têm uma única identidade sólida e fixa.

A identidade torna-se uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. (HALL, 2005, p.13).



Para as reflexões relacionadas à masculinidade hegemônica e as formas de resistência os trabalhos de Sabo (2002) e Connell (1995) foram fundamentais. “O conceito de 'masculinidade hegemônica' refere-se à forma de masculinidade predominante, a mais lisonjeada, idealizada e valorizada num determinado momento histórico” (SABO, 2002, p.42). A análise de Sabo nos ajuda a compreender mais claramente em que consiste a masculinidade hegemônica. Juntamente com os estudos de Connell (1995) que demonstram as práticas e representações socialmente aceitas para o gênero masculino e que são constantemente tornadas legítimas em contraposição a outras identidades masculinas. É um modelo que está calcado na visão tradicional. Como bem destaca o autor Sabo nesse trecho, essa hegemonia é valorizada em determinado momento histórico, com isso é notório o caráter dinâmico e mutável do grupo que se mantém no centro.

Mesmo existindo uma masculinidade enfatizada como universal, é importante notarmos que “as masculinidades hegemônicas são produzidas juntamente — e em relação— com outras masculinidades” (CONNELL, 1995, p.190), pois é através das outras masculinidades que a masculinidade hegemônica mostra o que é ser “normal” ou “diferente”. Seus discursos são baseados nas diferenças e as instituições funcionam como mecanismo de modelação da masculinidade esperada e reconhecida socialmente. Todavia, simultaneamente, mesmo que sem intencionalidade, as masculinidades de resistência aparecem nesses contextos.

3 Conclusão

Diversos fatores e instituições influenciam na construção da representação que os/as jovens incorporam sobre a masculinidade mantendo o controle sobre os corpos e fortalecendo a ideia de oposição entre o “normal” e o “diferente” e, conseqüentemente a oposição binária entre homens e mulheres calcada no sexo anatômico. A escola, como foi possível evidenciarmos no decorrer das análises dos dados da entrevista de alunos/as e nas observações, procura impor um padrão de comportamento e o controle sobre os corpos femininos e masculinos através de linguagens reconhecidas à nível social como legítimas. Nesse sentido, através da instituição escolar, dependendo da concepção dos profissionais da educação que atuam na escola e da filosofia da mesma, podem ser incorporadas novas maneiras de vivenciar a masculinidade e a feminilidade ou podem ser reforçadas “verdades” estabelecidas pelo grupo de detém o poder.

Concluimos que as manifestações da masculinidade que subvertem a norma são cada vez mais presentes e ajudam a desconstruir os discursos que buscam homogeneizar os sujeitos através



de um poder disciplinar cada vez mais sutil, e apontam para as várias possibilidades identitárias que longe de serem fixas, centradas e naturais, são sempre construídas, descentradas e transitórias. Todavia, a representação da masculinidade hegemônica é predominante no contexto analisado.

O discurso hegemônico continua sendo reforçado e repassado as gerações mais jovens, mas não tem o mesmo vigor de antes, visto que, torna-se cada vez mais evidente o caráter construtivo das relações de gênero e dos comportamentos ditos adequados para homens e mulheres. Não dá para negar o que está cada vez mais evidente – as identidades masculinas são múltiplas.

Referências:

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

CONNEL, Robert W. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*. v. 20, n. 2, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GIDDENS, Antony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**; Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro -10ª ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes Louro; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

RIBEIRO, Joyce Otânia de Seixas. A pesquisa teórica nas investigações: questões teóricas e metodológicas. In: **Margens/ Revista Interdisciplinar do Núcleo de Pesquisa -CUBT/UFPA-** v.1, n.1 (jan. 2004) -Abaetetuba-PA: CUBT/UFPA, 2004.

ROSA, Graciema de Fátima da. O corpo feito cenário. In.: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades. In. ADELMAN, Mírian; SILVESTREIN, Celsi Brönstrup (orgs.). **Coletânea gênero plural**. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **EDUCAÇÃO & REALIDADE**. v.1, n.1 (fev.1976). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1976.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.